

PINTURA

Luís Rodrigues: A explosão de uma arte exilada em Paris

■ Carina Branco, Paris

Luís Rodrigues é um homem ignorado em Portugal, mas não no estrangeiro. As suas telas poderiam competir com grandes nomes do expressionismo abstrato americano. Cores fortes, linhas violentas, motivos bucólicos levados ao extremo das impressões. Um manifesto contemporâneo de um pintor que deixou Portugal há quarenta anos para se instalar em Paris e expor um pouco por todo o mundo. Desde 1970 participou em mais de 160 exposições de grupo e 50 individuais. Canadá, Nova Iorque, Alemanha, Bulgária, Polónia, Espanha, Bélgica, Bahrein, Argélia. Foram muitos os países que lhe abriram as portas, mas Portugal continua indiferente à arte exilada. “Ninguém é profeta no seu país”, esboça o pintor. “Digamos que eu tenho tido uma notoriedade maior no estrangeiro do que em Portugal. Quando se está fora é preciso dar mais provas”.

É o pintor que dirige a conversa com perguntas retóricas. Um monólogo de um poeta do quotidiano. Luís Rodrigues deixa-se levar pelas palavras como quando espalha a tinta pela tela. “A maçã é bonita. Mas como pintar o sabor da maçã?”, questiona. A entrevista deixa o espaço da natureza morta para entrar no universo da quase abstracção. Há que ter cuidado com as palavras escolhidas. Este homem não gosta de etiquetas. Não se considera filho da abstracção, mas diz-se adepto de uma “arte figurativa menos legível”. Os quadros podem ver-se com os dedos devido à espessura das tintas. As grandes telas chegam aos quatro metros porque precisa de espaço. Muito espaço para desenhar o gesto e imprimir a energia física e a luta que trava contra si mesmo todos os dias.

Estamos diante de uma pintura

sensual, quase orgiaca. Face a uma tela tão imponente e carnal, não nos limitamos a ver ou a reparar. Antes tocamos com o olhar, prolongamos o gesto com as mãos e sentimos a emoção quase proibida de tocar uma obra de arte. E o poeta-pintor deixa-nos tocar e sentir. Até nos abençoa com uma frase de Eugène Leroy: “Quero meter as mãos nas entranhas da minha pintura”.

Se isto é um homem, o que é um artista? Ao entrar no atelier, sentimos que a História da Arte nos privilegiou um vislumbre de algo genial que só o futuro saberá dar o devido valor e respeito. A última série da obra de Rodrigues chama-se “Vento da Noite” e foi pintada junto ao rio num atelier da região da Borgonha. Os temas beberam dos trabalhos dos anos 90, inspirados nos nocturnos e na poesia

portuguesa do século XIX. “Há uma violência no vento. Como dizia Cesário Verde: morrer é dormir, dormir “rever peut-etre”. Quando se olha para um nascer do dia e para um anoitecer não é a mesma coisa. Um vai da noite para a luz. Outro vai da luz para a noite”, lança Rodrigues. No Outono de 2007, ao passear junto ao rio Le Serein (o sereno, em português), o pintor apercebe-se do vento e da necessidade de o exprimir no seu vocabulário plástico. A natureza não se imita, sente-se. É isto que se lê nas suas telas, nos seus abstractos “campos de girassóis”, “campos queimados” e nos “Jardins Fechados”.

Mas “só se chega à abstracção por necessidade”, revela. “Quando a pintura figurativa nos impede de ir mais além, somos obrigados a adoptar novos caminhos.” Luís

Rodrigues começou por ser figurativo. Os testemunhos plásticos dos anos 80 mostram claramente Portugal, a Nazaré, o Alentejo. O mar, as mulheres e a juventude ou as ceifeiras, o sol, o trigo e o pão. Do seu vocabulário fazem também parte as gravuras a preto e branco, ponta seca, técnica mista e água tinta. Ou ainda um trabalho a três dimensões com a escultura.

Este homem de sorriso fácil nasceu em Torres Novas, mas veio para França em 1967. Os problemas familiares com a PIDE atiraram-no para Paris, onde durante vinte anos passou os sábados em frente às telas do Museu do Louvre. “Não vim para França por problemas financeiros, mas problemas políticos. O meu avô e o meu pai estavam na resistência”, confessa. “Vim para França, acabei os meus estudos e cá fiquei.”



“Digamos que eu tenho tido uma notoriedade maior no estrangeiro do que em Portugal. Quando se está fora é preciso dar mais provas”.



“A arte é como uma caverna.
É preciso trazer uma lâmpada”, diz.
“Mas hoje muitos artistas
pensam que são a luz”

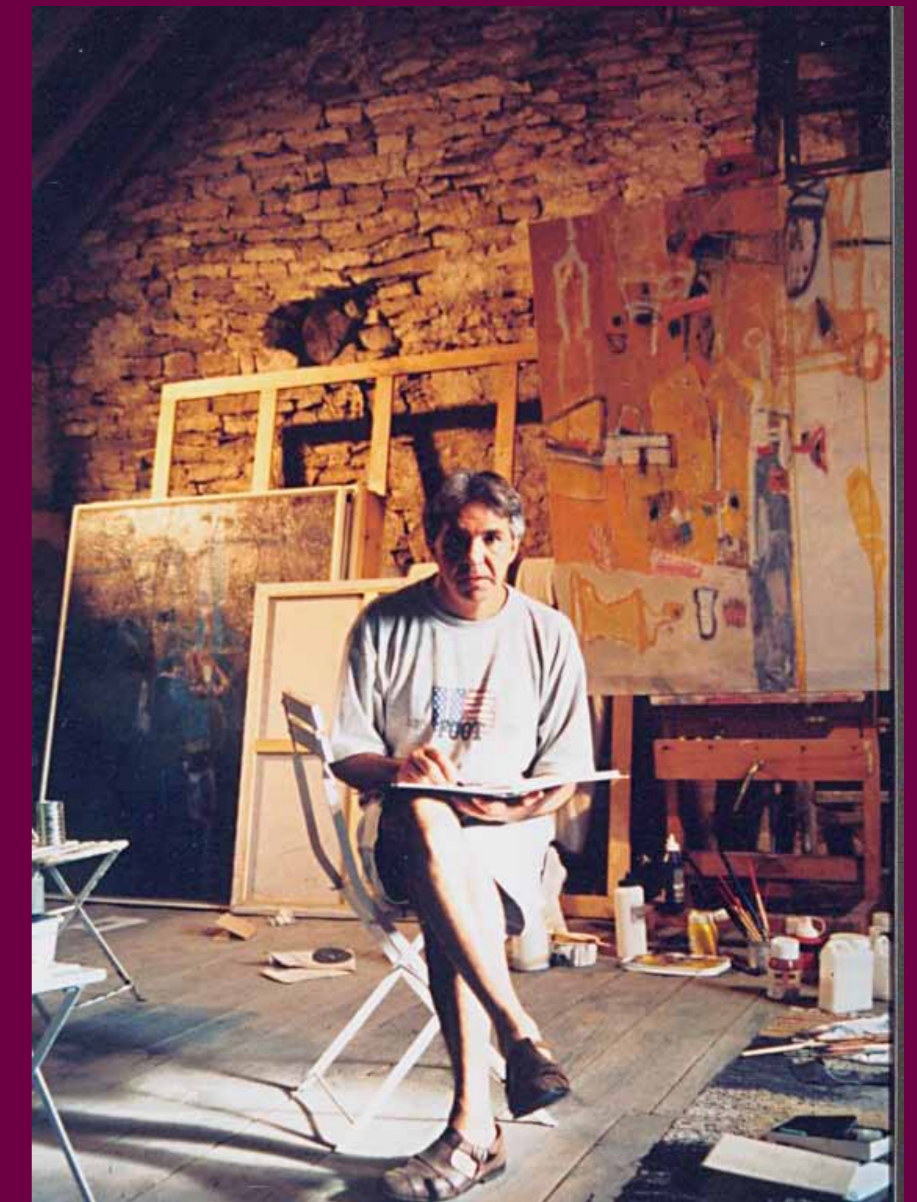
Restropective Morsang 1996 avec Andreou & Le
Guinio

Gosta do Louvre, mas não dos museus de Arte Contemporânea. Para no-lo explicar, cita Malraux. “A arte é como uma caverna. É preciso trazer uma lâmpada”, diz. “Mas hoje muitos artistas pensam que são a luz”, fazendo uma breve e subtil alusão ao milionário Jeff Koons. Para Luís Rodrigues não há originalidade na pintura e nenhum artista pode esquecer os grandes nomes da história da arte. Uma lição de humildade vinda de um ilustre desconhecido em Portugal para quem “se há coisas para descobrir é no Louvre e não no Pompidou.” Uma reflexão intrigante quando se olha para os quadros do pintor, que mais facilmente encontrariam um espaço e uma coerência no Museu Pompidou do que no Museu do Louvre. Tudo se resume, no entanto, a uma questão de educação e respeito. “O Louvre comecei a corrê-lo, a percorrê-lo todos os sábados à tarde, durante quase vinte e tal anos.” Mas houve um ponto de viragem. “Em frente ao Louvre está outro museu que é a Orangerie. Um dia vi um grande cartaz em tons vermelhos e fui ver. Era uma exposição de Chaïm Soutine. Nesse ano, houve três grandes exposições em Paris no mesmo



museu: Soutine, Van Gogh e Cezanne”. Os mestres convidaram-no a ir mais além. Foram eles que o motivaram a passar do preto e branco para a cor.

Venera Cezanne, Goya e Rembrandt, mas adora Eugène Leroy ou Jean-Pierre Pincemin. Quando se entra na sua casa - um refúgio calmo nos arredores de Paris - uma profusão de telas e objectos definem o espaço. Uma litografia de Bram van Velde, uma ilustração



de Jan Vosse, um trabalho de Jean Gaudaire-Thor, outro de Ibrahim Jalal. E muitos, muitos objectos de arte africana.

Artista infatigável, trabalha como quem respira porque a pintura é o seu oxigénio. “É um trabalho solitário, somos nós face a nós. Vivemos no nosso mundo fechado: a música, a literatura, a pintura, a poesia. 90 por cento do nosso tempo é ocupado pelo trabalho, que não é um trabalho, mas

maneira de ser”. Dorme cerca de quarto horas por dia. O resto do tempo é para as telas. Ao som de Mozart ou Léo, Brassens, Férré, Nougaro, Aznavour e mesmo Mariza... Recordamos a frase do início da conversa: “A maçã é bonita. Mas como pintar o sabor da maçã?” O sabor da maçã está bem presente. Assim como o sabor dos dias e das noites, da natureza e da violência do vento, da solidão e dos gritos mudos. ■